



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

A INCRÍVEL PROEZA DOS ALUNOS-PESQUISADORES NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS GEOGRÁFICOS E O ESPANTOSO PODER DA GEOGRAFIA NA LEITURA DO LUGAR

JULIANA GARCIA NUNES ¹
ROSELANE ZORDAN COSTELLA ²

Resumo:

O artigo “A incrível proeza dos alunos-pesquisadores na construção de conhecimentos geográficos e o espantoso poder da Geografia na leitura do lugar” foi um projeto de intervenção, construído por educandos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do Bairro Mário Quintana, comunidade da periferia de Porto Alegre/RS. A experiência foi publicada na dissertação intitulada “#somosmario: identidade, território e cultura – O que o ensino de Geografia tem a ver com isso? ”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do título de Mestre em Geografia. A pesquisa teve como objetivo abordar, através de conceitos geográficos (espaço, lugar, território), a história, a cultura, a identidade e a espacialidade do Bairro Mário Quintana, em que os educandos, a partir de suas dúvidas, curiosidades, ansiedades, problematizações e interesses, produziram conhecimentos geográficos a respeito da localidade, enxergando o Bairro como um Lugar, alterando regimes de visibilidade, de um espaço violento, perigoso, estigmatizado como “território do crime” pelos constantes homicídios e “toques de recolher” para uma visibilidade que fortaleceu e valorize a identidade do lugar e o sentimento de pertencimento, construindo uma cidadania espacial nos adolescentes participantes do projeto. A aplicação da metodologia da Pesquisa-ação, entendida como uma intervenção pontual em problema coletivo a ser solucionado, proporcionou aos educandos voz sobre as vivências na localidade compreendê-las, papel do ensino de Geografia: “entender o lugar para entender o mundo”.

Palavras-chave: Ensino de Geografia . Lugar. Território. Identidade. Pesquisa-ação.

1. Introdução

¹ Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. E-mail de contato: julianasociologia@hotmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail de contato: ro.paulo@terra.com.br

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

Em uma aula de Geografia, a professora inicia o “conteúdo”, com o estudo do conceito de Lugar, conforme indicava o livro didático, sem saber previamente os acontecimentos do Bairro. Lugar é aquele espaço que conhecemos muito bem a história, a paisagem, as mudanças e as permanências. Há sentimento de pertencimento, afeto e carinho ao local. Após a exposição, os educandos iniciaram a sua parte, questionando esse “conceito de Lugar”, pois o Bairro ao qual pertenciam não era um “Lugar”, era uma “vila de bandidos”, que viviam em uma “guerra”, com a presença constante do tráfico de entorpecentes, homicídios, assaltos, toques de recolher e constantes reintegrações de posse e ocupações de terrenos por famílias de camadas populares sem moradia entre outros fatos. Um aluno conclui com a seguinte frase: - “Essa Geografia não presta para nada...”.

Esse acontecimento real narrado acima não é uma situação tão incomum nas aulas de Geografia. Os adolescentes são problematizadores da realidade e apontam de forma imediata às fraturas de uma didática falha, e sem conexão com o contexto da comunidade a qual a escola está inserida. Parte dos professores enxergariam o tal aluno como “indisciplinado”. Outros, tentariam compreender o porquê do olhar depreciativo sobre o bairro e talvez, mostrar que a Geografia presta para compreender a relação do homem com a natureza-sociedade-cotidiano ou, como nós sobrevivemos na espacialidade. Sendo assim, Castrogiovanni (2014, p. 13) expõe os obstáculos que a escola apresenta:

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses.

Dessas indagações nasce o projeto “#somosmario”. Após reflexões, estudos sobre a história sócio-espacial da localidade, assim como, uma mudança pedagógica nas práticas de ensino em Geografia, foi possível compreender que, no fundo, o principal problema que

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

os educandos traziam para as aulas de Geografia (a violência, o toque de recolher) era fruto da falta de conhecimento que os educandos possuíam sobre a localidade que viviam. Era necessário desconstruir o imaginário pejorativo do Mário Quintana e enxergar o Bairro como um Lugar, de identidade e pertencimento através do conhecimento de seus territórios, produção de saberes, de Itinerários de Descoberta, trilhas, mapas, maquetes, organização de entrevistas com moradores antigos, desbravar a paisagem, a vegetação, o clima, arroios, estrutura geológica, a atuação de movimentos sociais populares, compreensão de processos e transformações da localidade, enfim, produzir uma “cartografia do espaço”, para romper com a autoestima baixa dos alunos e buscar uma cidadania espacial. Porém, a construção desses conhecimentos tem que ser por eles e elas para ter sentido e significado para a aprendizagem. Por cidadania espacial relacionada às responsabilidades da educação geográfica entende-se:

[...] a educação geográfica, deve militar pela formação de um cidadão-critico, atuante, participativo, democrático e eticamente responsável por um modo de vida voltado à convivência sadia e feliz no Planeta Terra. (CARNEIRO & NOGUEIRA, 2013, p. 34)

A hashtag “#somomario”, símbolo que nas redes sociais significa a categorização de algum fato, acontecimento ou até uma campanha, é sempre publicada em forma de hiperlink. Neste projeto, tem o valor da constituição de uma corrente, que convida os educandos e a comunidade Mário Quintana, a conhecerem seu território e valorizá-lo.

2. APRESENTANDO O MÁRIO QUINTANA E OS SUJEITOS-ALUNOS DO PROJETO “#SOMOMARIO”

É impossível um estudo geográfico sem contextualizar primeiramente o espaço cujo projeto esta sendo desenvolvido e os sujeitos participantes dessa pesquisa: educandos do 6º

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

ano do Ensino Fundamentos moradores do bairro Mário Quintana. Freire já apontava que o ponto de partida é sempre a leitura de mundo do educando.

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. (FREIRE, 1997, p. 123)

Conforme informações do CAR - Centro Administrativo Regional -, o Bairro Mário Quintana está localizada na parte noroeste da cidade. Possui uma população de aproximadamente sessenta mil habitantes, de maioria afrodescendente e pertencente às classes populares. Aliás, a maior população negra de Porto Alegre se encontra lá.

Seu passado remonta ao final do século XIX, área distante do centro de Porto Alegre e pouco habitada. Era uma grande chácara, de mata fechada, onde as árvores forneciam lenha para as fábricas da zona norte, além de fogareiro para os moradores. Por isso do antigo nome do bairro “Chácara da Fumaça”, alterado em 1999, por iniciativa via Orçamento Participativo³ para Mário Quintana, em homenagem ao famoso poeta gaúcho, natural de Alegrete e falecido em 1994.

Somente na década de 1980 as primeiras vilas removidas de áreas centrais de Porto Alegre começaram a chegar à Chácara da Fumaça (Vila Ipiranga, Vila Harmonia) com o lema do poder público “remover para promover”. As condições de infraestrutura, saneamento, segurança, saúde, eram insuficientes e precárias para o grande contingente de moradores⁴.

Na década de 1990 outras remoções são realizadas como a Vila Mirim⁵ (localizada na Nilo Peçanha, bairro de classe média e Alta) e a Vila Chocolateiro (localizada ao lado do

³ O Orçamento Participativo (OP) é uma experiência de democracia direta implementado pela Administração Popular do Partido dos Trabalhadores em 1989. O OP oportunizou a criação de fóruns de participação popular nas discussões das políticas públicas e de aplicação do orçamento. Nas reuniões do OP, as moradoras e moradores da cidade realizam discussões, abertas a todos, sobre seus problemas comunitários e as prioridades de cada lugar [...]. (KRUG, 2002, p. 87-88). Após 16 anos, em 2004, outra administração assume o município de Porto Alegre, mantendo o OP de maneira bem alterada. Em 2017, OP foi suspenso sem previsão de retorno.

⁴ Mais informações no livro “Memória dos Bairros- Chácara da Fumaça”. SMC/CPH, 1999.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

prédio da Receita Federal, no centro da cidade) são casos emblemáticos que evidenciam a Mário Quintana como um local de receptáculo de populações marginalizadas, desrespeitadas pelo Poder Público, no direito de ter uma vida digna e garantia de moradia adequada para o seu bem viver.

Atualmente compõe a localidade quarenta e três vilas, das quais apenas cinco são regularizadas (Jardim Protásio Alves, Safira Velha e Safira Nova, Timbaúva, Vila Wenceslau Fontoura e Batista Flores). As demais são caracterizadas por invasões ou ocupações irregulares com estrutura física precária ou áreas de risco, sem saneamento básico entre outros recursos (energia elétrica, segurança, educação, saúde, lazer). É comum a fala de “onde não é construído, é Mário Quintana”.

Conhecida na mídia como um dos espaços mais violentos de Porto Alegre, bem como apresenta um dos mais baixos IDH – Índice de Desenvolvimento Humano⁶ da cidade, toques de recolher por conflitos de gangues rivais em disputa por ponto de venda de drogas, corpos decapitados encontrados nas ruas, assassinatos, invasões e reintegrações de posse de terrenos ocupados, construções irregulares de moradias, fazem parte da rotina da localidade, bem como da escola de atuação, já que tudo que está fora da escola está dentro da escola.

Quanto aos sujeitos-alunos participantes do projeto, através de informações do perfil sócio-antropológico e intervenções pedagógicas em sala de aula, classificamos os educandos em quatro grupos, o que explica o porquê de tanto repúdio ao bairro: 1) Os alunos “de Raiz”: são moradores desde nascimento na localidade. Possuem curiosidade sobre à Mário Quintana, querem produzir conhecimentos, saber sobre a histórias, realizar o

⁵ No livro de ANJOS (2006) “No território da linha Cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira”, o antropólogo descreve todo o processo de remoção da Vila Mirim.

⁶ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. O objetivo da criação do IDH foi o de oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. Fonte: Programa Das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNDU <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html> acesso em 9/01/2017

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

levantamento socioambiental e enxergam o espaço como um Lugar. Possuem identidade e pertencimento. 2) Os alunos moradores recentes, os outsiders: chegaram no bairro a dois, três anos ou a poucos meses, representando a maioria da turma. Isso explica a falta de identidade com a comunidade. Suas referências espaciais estão nos antigos bairros de moradia e vivência. Alguns bairros citados foram: Vila Dique, Velha Chocolatão, Restinga Velha, Vila Jardim, Passo das Pedras, Cavalhada, Vila Cai-cai, Bom Jesus, Ipê, Ipanema, Cruzeiro, Cristal e Sarandí. Também manifestações de movimentação interna, ou seja, se mudaram dentro do próprio bairro, foram apontadas. Também alguns alunos já moraram em outros municípios do Estado do Rio Grande do Sul que já moraram: Viamão, Quintão, Guaíba, Alvorada, Balneário Pinhal, Alegrete, Gravataí, Passo Fundo, General Câmara. Sentem a violência e os problemas do bairro. O outro bairro é sempre mais seguro. Não demonstram tanto repúdio em estudar a história da vila. 4) Alunos moradores de ocupações: esse grupo de alunos são moradores de loteamentos irregulares e ocupações. Apreensivos, nunca sabem se vão retornar para a escola na próxima aula. A polícia (Brigada Militar) é uma presença constante pela ordem de despejo ou reintegração de posse do terreno ocupado. Não possuem territorialidade, identidade, pertencimento, não querem saber a história da localidade atual, já que, a princípio, vão ficar temporariamente na comunidade. Habitam sem habitar, estão sem estar, à Mário Quintana é um lugar de passagem curta. 4) Os alunos moradores da Nova Chocolatão⁷: grupo que maior manifesta seu repúdio à Mário Quintana, pois suas identidades estão, não na Nova Chocolatão (assentamento atual), mas, na Velha Chocolatão, localizada na área central da cidade. Descrevem que eram felizes lá. Frequentavam a Usina do Gasômetro e o Shopping Praia de Belas, estudavam na Escola Estadual Rio Grande. Possuem um grande conhecimento do centro

⁷ A Vila Chocolatão foi (re) assentada em maio de 2011, após vinte anos localizada no centro da cidade, na Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, ao lado dos prédios da Justiça Federal para a zona norte, bairro Morro Santana, em um residencial construído no final da Avenida Protásio Alves, fruto de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e o Tribunal Regional Federal que transferiu 181 famílias das 225 que viviam no terreno pertencente à União.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

histórico da capital. Desterritorizados do seu lugar de vida (e sobrevivência, já que trabalhavam com matérias recicláveis) foram parar, nas palavras dos alunos moradores do residencial, nessa “vila perigosa” e “longe de tudo”. Não querem saber do Bairro Mário Quintana. Querem retornar para a Velha Chocolatão.

A par de tais dados, foi criado o projeto #somosmario, com o intuito de fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento da localidade. Somente dessa forma, evidenciando que “as coisas nem sempre foram assim”, é possível ter esperança de enxergar a comunidade Mário Quintana de outra forma, através dos conhecimentos geográficos, construindo cidadãos critico-participativos que atuam e lutam por melhores condições de vida. A Geografia tem que oferecer uma cidadania espacial para os seus estudantes.

A consciência espacial cidadã pode ser entendida como consciência das atitudes-ações individuais e sociais responsáveis, a partir de um saber-pensar o espaço com fundamentos referenciais e criatividade. (NOGUEIRA & CARNEIRO, 2013, p. 31)

2. 1 Alterando o olhar e o Regimes de Visibilidade

O objetivo do projeto foi transformar a ideia que os sujeitos-alunos apresentam a respeito do Bairro Mário Quintana, um “lugar perigoso”, “violento”, que não merece atenção nas aulas de Geografia, em lugar de identidade e pertencimento. Acreditamos que os conhecimentos e conceitos trabalhados nas aulas de Geografia, como Lugar, Paisagem, Espaço, Território, Natureza e etc., podem auxiliar na mudança do olhar e do Regime de Visibilidade que os educandos apresentam a respeito do Lugar onde moram, vivem e constroem as suas vidas.

Gomes (2013) nos auxilia a compreender o olhar como um fenômeno geográfico. O autor chama esse “olhar” de visibilidade. O fenômeno da visibilidade é defendido como um exercício de interpretação geográfica, de leitura privilegiada do espaço, isto é, uma investigação do olhar, das imagens, da posição que cada sujeito

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

ou objeto ocupa em determinado lugar, questionando preceitos como: “De onde vemos?”, “Como vemos?”, “O que se vê?”, “De onde ver?”, “Como compreender?”. Essas são excelentes perguntas para questionar os alunos no estudo do território.

Imagens das coisas não estão jamais separadas dos lugares onde elas são exibidas. Por isso, há, sem dúvida, uma geografia que participa diretamente da produção de significações que nos veiculam as imagens. É todo esse imenso campo de estudos que cabe aos geógrafos que trabalham, direta ou indiretamente, com imagens desbravar e investigar. (GOMES, 2013, p. 31)

O fenômeno da visibilidade é defendido por Gomes como um fato que apresenta uma incontornável geograficidade, todavia, depende da posição do lugar e de um sistema de referência espacial.

A visibilidade possui uma série de elementos que devem ser apreciados ou lembrados antes de qualquer análise desse cunho que privilegia a cartografia do olhar. A visibilidade é sempre dirigida e parcial, não totalizadora, já que é um recorte dentro do espaço, algo que chamamos a atenção de um fato que não é visto, ou a gente vê e não olha, determinamos o que é visível e o que é invisível, o que é visto e o que é mantido à sombra, o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. A cartografia do olhar é uma ação, classificação imediata das coisas pela posição que ocupam, de seus conteúdos. Seleccionamos o que deve ser configurado, o que deve ser examinado, pontos de vista e escalas de análise, determinando o que deve ser visto e como deve ser visto. A desconstrução de tais regimes se faz necessário, a partir da intervenção que os próprios sujeitos-alunos podem construir, por tanto, a sua própria Geografia, eles e elas produtores de novos olhares, construtores de imagens, recriando novos sentidos, deixando suspenso o habitual olhar.

Pesquisa-ação é uma estratégia utilizada no campo educacional, por ser uma intervenção pontual em um problema a ser solucionado, que afeta um grupo de alunos, conjuntamente com a professora, que faz parte da investigação.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

A pesquisa envolve a professora-pesquisadora-reflexiva da sua própria prática e sujeitos-alunos, com suas necessidades de aprender e conhecer o mundo. A Geografia tem um papel fundamental nesse processo. Uma Geografia preocupada em entender os processos que ocorrem ao nosso redor e em outros espaços, uma Geografia que fale sobre nós. No entender de Callai:

A Geografia ao falar das coisas do mundo da vida, fala dos espaços construídos pelos homens, que em sua trajetória marcaram os lugares com os resultados da luta pela sobrevivência. A tarefa da Geografia na análise da sociedade é exatamente debruçar-se sobre a realidade com o olhar espacial. (CALLAI, 2000, p. 64)

A pesquisa-ação não é “qualquer metodologia”. Ela é especial, singular e particular. Os participantes (professores e sujeitos-alunos) do processo de conhecimento têm que estar envolvidos e sensibilizados na proposta, participando de todas as etapas ou ciclos do projeto, desde a construção do problema, a coleta de dados, divulgação, organização das atividades e avaliação, com o intuito de resolver o problema, que além de ser proposto e construído por eles e elas, também os toca, afeta e engaja na busca de mudanças e transformação. Thiollent (2008, p. 16) afirma que a Pesquisa-ação é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A metodologia da pesquisa-ação é flexível, ocorrendo sempre um vaivém entre as preocupações, adaptações dos objetivos segundo as circunstâncias e as situações de investigação. Podemos dividir a pesquisa-ação em três fases: a fase exploratória, fase de elaboração e execução do Plano de Ação, e a fase de divulgação dos resultados.

A primeira fase da Pesquisa-ação é a fase exploratória, ou seja, o ponto de partida da investigação. O projeto iniciou com as indagações dos sujeitos-alunos sobre o Bairro, identificando o problema e o tema da pesquisa. Debates e dinâmicas de grupo foram aplicados, “explosão de ideias”, problematizações e levantamento de situações-problema

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

da localidade, entrevista, desacomodando preceitos, construção de mapas mentais identificando o imaginário que possuíam sobre o Mário Quintana. Essa fase teve a duração de quatro semanas.

Após a fase exploratória, inicia-se a elaboração e a execução do Plano de Ação.

Os encontros para a formulação e execução do Plano de Ação são chamados, na Pesquisa-ação, de seminários. É o espaço no qual o diálogo é exercitado, bem como decisões sobre a investigação. Os encontros são registrados em atas, são elaboradas diretrizes (hipóteses de pesquisa), votação, relatórios de síntese, preparo dos alunos-pesquisadores. É permitida a visita de palestrantes, professores, moradores da comunidade e outros pesquisadores. Nesta fase há coleta de dados (por exemplo, entrevistas, saídas de campo, observações participantes, construção de maquetes e mapas da localidade) e a produção de diários de campo são socializadas. Os educandos exercem a função de pesquisadores.

Participaram dessa fase quinze alunos que foram divididos em três grupos: o Geoespacial, o Geoantropológico e o Geoambiental. O grupo Geoespacial ficou responsável pela construção do mapa do Biarro identificando os principais pontos identitários da comunidade como mostra a figura 1. Espaços não valorizados pelos educandos como o Parque Chico Mendes (um dos maiores parques da cidade), a casa de Vó Chica (mulher negra, que foi benzedeira, contadora de histórias e liderança comunitária, falecida em 1983, referência do Bairro), a escola e o Morro Santana foram pontuados de forma positivada pelos alunos-pesquisadores.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

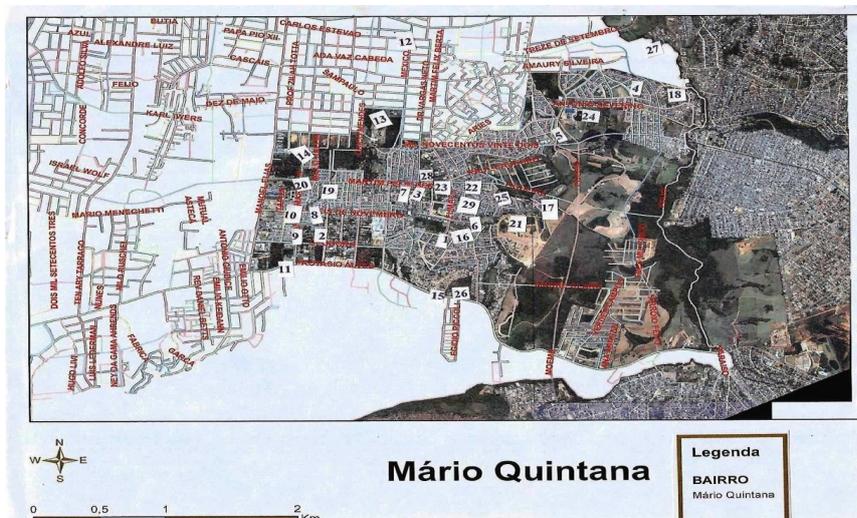


Figura 1: Mapa do Bairro Mário Quintana dos principais espaços/Lugares

Fonte: As autoras (2017)

O grupo Geoantropológico ficou responsável pelas entrevistas com os moradores do bairro, buscando saberes e a história do Bairro, construindo uma linha do tempo com os principais fatos da localidade conforme a figura 2:

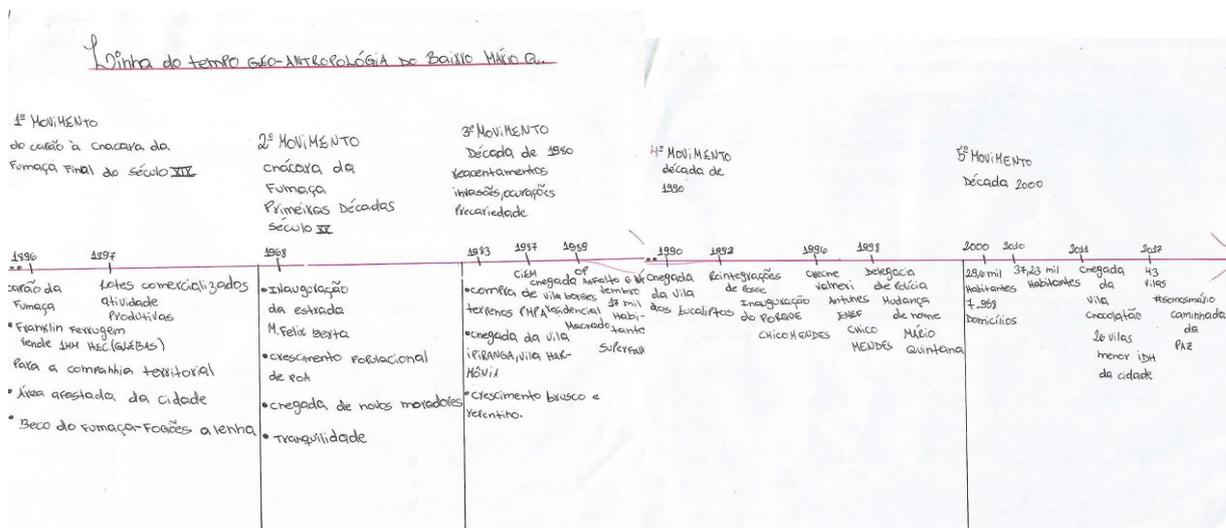


Figura 2: Linha do tempo da história do Bairro Mário Quintana

Fonte: As autoras (2017)



XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

O grupo Geoambiental realizou um levantamento ambiental do Bairro Mário Quintana. Foi construída uma mapoteca ecológica com o clima, a vegetação, biótipo natural a estrutura geológica, morros e arroios (figura 3) que compõe a paisagem da comunidade.



Figura 3: Arroio do Bairro Mário Quintana

Fonte: As autoras (2017)

A última fase é a Divulgação dos Resultados. Trata-se da comunicação do estudo realizado no Plano de Ação, assim, tornando pública a experiência vivenciada pelos alunos-pesquisadores. As apresentações iniciaram no segundo semestre de 2018, com grande participação da comunidade escolar no projeto. Isso significa a proeza que o ensino da Geografia e de estudantes devidamente estimulados e instigados podem

Considerações finais

Tal intervenção é um desafio e uma ousadia, que somente professores pesquisadores da sua própria prática, angustiados com os rumos que a Geografia escolar vem tomando, materializadas na Base Nacional Curricular Comum, tem coragem de executar e ver sua prática docente fazendo alguma diferença para os educandos. Apesar

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

dos alunos cada vez mais agitados e desatentos as funções da escola com o conhecimento, da baixa remuneração do magisterio e da rotina escolar exaustiva, outras formas de ensinar, a partir da Geografia deles e delas, realizando produções espaciais contextualizadas, compreendendo o que não está posto, o porquê das coisas acontecerem no mundo, dando voz ao sujeito-aluno e à professora, num processo de interação e troca, construindo conhecimentos geográficos e estratégias para melhor ensinar, torna o ensino atraente e gratificante para os educadores comprometidos com a transformação da realidade de seus educandos.

Referências

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A; CALLAI, H; KAERCHER, N. (Org.). **Ensino da Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a cidade** - Ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2010, 3ªed.

COSTELLA, Roselane Zordan & SCHAFFER, N. **A Geografia em projetos curriculares: ler o lugar e compreender o mundo**. Erechim: Edelbra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do Olhar**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013.

NOGUEIRA, V.; CARNEIRO, S. **Educação Geográfica e Formação da Consciência Espacial-Cidadã**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

Realização:





XXXV ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA “A
DIVERSIDADE DA GEOGRAFIA E A GEOGRAFIA DA
DIVERSIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO
XXI” Erechim-RS, 12 a 14 de outubro de 2018

NUNES, Juliana G. **#somosmario: identidade, território e cultura: o que o ensino de Geografia tem a ver com isso?**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia: UFRGS, 2018.

SAQUET, Marco Aurélio. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade**. In: Revista Geosul. Florianópolis, v.22, n. 43, jan./jun., 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

Realização:

